

# CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

## ÍNDICE

Variação Linguística: Norma Culta .....	2
Conceito Básico.....	2
Tipos de Variações Linguísticas.....	2

## Variação Linguística: Norma Culta

### Conceito Básico

A variação linguística é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações histórica, sociais, regionais, culturais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes. Como não é um sistema fechado e imutável, a língua portuguesa ganha diferentes nuances. O português que é falado no Nordeste do Brasil pode ser diferente do português falado no Sul do país. Claro que um idioma nos une, mas as variações podem ser consideráveis e justificadas de acordo com a comunidade na qual se manifesta.

### Tipos de Variações Linguísticas

- **Variações Geográficas:** está relacionada com o local em que é desenvolvida, por exemplo, as variações entre o português do Brasil e de Portugal.  
Ex.: Macaxeira, aipim, mandioca = um tipo de raiz.
- **Variações Históricas:** ela ocorre com o desenvolvimento da história, por exemplo, o português medieval e o atual.  
Ex.: Vossa mercê (forma antiga).  
Você (forma atual).
- **Variações Sociais:** são percebidas segundo os grupos (ou classes) sociais envolvidos, por exemplo, um orador jurídico e um surfista.
- **Variação Situacional:** ocorre de acordo com o contexto o qual está inserido, por exemplo, as situações formais e informais.

### Exercícios

**01.** Leia a crônica “Sketches”, de Luís Fernando Veríssimo.

Dois homens tramando um assalto.

– Valeu, mermão? Tu traz o berro que nós vamo rendê o caixa bonitinho. Engrossou, enche o cara de chumbo.

Pra arejá.

– Podes crê. Servicinho manero. É só entrá e pegá.

– Tá com o berro aí?

– Tá na mão.

Aparece um guarda.

– Ih, sujou. Disfarça, disfarça...

O guarda passa por eles.

– Discordo terminantemente. O imperativo categórico de Hegel chega a Marx diluído pela fenomenologia de Feurbach.

– Pelo amor de Deus! Isso é o mesmo que dizer que Kierkegaard não passa de um Kant com algumas sílabas a mais. Ou que os iluministas do século 18...

O guarda se afasta.

– O berro, tá recheado?

– Tá.

– Então, vamlá!

Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/1731104>. Acesso em: 08.11.18

Com relação à noção de variações linguísticas, considere as afirmações abaixo a partir do fato narrado na crônica:

- I. Os dois assaltantes usam a gíria típica de malandros e mudam o nível de linguagem para disfarçar quando o guarda se aproxima.
- II. Quando o guarda se aproxima, os dois malandros passam a falar sobre filosofia numa linguagem culta para impressioná-lo, dando a impressão de serem intelectuais.
- III. A crônica mostra que há um preconceito com relação ao nível de linguagem que usamos, e, por isso, ela é um fenômeno de exclusão social.
- IV. Por ser um estilo coloquial, a gíria só é usada por pessoas de baixa escolaridade, como, por exemplo, assaltantes.
- V. A crônica mostra que devemos ter uma consciência linguística para as diferentes situações de uso da linguagem.

Está CORRETO o que se afirma em:

- a) I, II, III e IV.
- b) I, II, III, IV e V.
- c) I, II, III e V.
- d) II, IV e V.
- e) II, III e IV.

02.

Texto 1

#### A MISSA DO COUPÉ

Machado de Assis

"Na Igreja de São Domingos diz-se hoje uma missa por alma de João de Melo, falecido em Maricá."

Não se sabendo quem mandava dizer a missa, ninguém lá foi. A igreja escolhida deu ainda menos relevo ao ato; não era vistosa, nem buscada, mas velhota, sem galas nem gente, metida ao canto de um pequeno largo, adequada à missa recôndita e anônima.

Às oito horas parou um coupé à porta; o lacaios desceu, abriu a portinhola, desbarretou-se e perfilou-se. Saiu um senhor e deu a mão a uma senhora, a senhora saiu e tomou o braço ao senhor, atravessaram o pedacinho de largo e entraram na igreja. Na sacristia era tudo espanto. A alma que a tais sítios atraía um carro de luxo, cavalos de raça, e duas pessoas tão finas não seria como as outras almas ali sufragadas. A missa foi ouvida sem pêsames nem lágrimas. Quando acabou, o senhor foi à sacristia dar as espórtulas. O sacristão, agasalhando na algibeira a nota de dez mil-réis que recebeu, achou que ela provava a sublimidade do defunto; mas que defunto era esse? O mesmo pensaria a caixa das almas, se pensasse, quando a luva da senhora deixou cair dentro uma pratinha de cinco tostões. Já então havia na igreja meia dúzia de crianças maltrapilhas, e, fora, alguma gente às portas e no largo, esperando. O senhor, chegando à porta, relanceou os olhos, ainda que vagamente, e viu que era objeto de curiosidade. A senhora trazia os seus no chão. E os dois entraram no carro, com o mesmo gesto, o lacaios bateu a portinhola e partiram.

A gente local não falou de outra coisa naquele e nos dias seguintes. Sacristão e vizinhos relembravam o coupé, com orgulho. Era a missa do coupé. As outras missas vieram vindo, todas a pé, algumas de sapato roto, não raras descalças, capinhas velhas, morins estragados, missas de chita, ao domingo, missas de tamancos. Tudo voltou ao costume, mas a missa do coupé viveu na memória por muitos meses. Afinal não se falou mais nela; esqueceu como um baile.

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Editora Globo, 1997, p. 10.

Glossário:

Coupé (ou cupê) – Carruagem ou carro de duas portas.

Desbarretar – Retirar o barrete ou o chapéu.

Espórtula – Esmola.

“Coupé”, “dez mil-réis”, “cinco tostões”, “lacaio” constituem um léxico que comprova a variação linguística entre:

- a)* regiões.
- b)* gerações.
- c)* níveis sociais.
- d)* fala e escrita.
- e)* situações de fala.

### **Gabarito**

01 - C

02 - B